



1.

Direita/Esquerda: O que é?

A ideia de que talvez a divisão «esquerda-direita» esteja ultrapassada pelos acontecimentos começa a surgir um pouco por toda a parte. Em França, fala-se de uma «nova direita» (formada por antigos militantes de esquerda), em Portugal aqui e ali aflora a ideia de que talvez a oposição essencial se jogue noutros registos.

Dessa nova sensibilidade é exemplo o discurso de vários membros do V Governo Constitucional, que insiste em recusar a etiqueta que diversas forças políticas teimam em colar-lhe.

Teresa Santa Clara Gomes, secretário de Estado Adjunto do Primeiro-Ministro, e Helena Vaz da Silva, directora da revista «Raiz e Utopia» respondem à questão posta por «A Nação»:

«Admite que a tradicional divisão direita-esquerda está ultrapassada e que tais conceitos deixaram de ser operacionais? Te outros conceitos a propor em sua substituição? Ou, pelo contrário, pensa que por esses conceitos em questão é uma manobra confusionista que tende a confundir os incautos?»

Teresa Santa Clara Gomes:

«Dois níveis de conteúdo»

«direita» e «esquerda» dois níveis de conteúdo:

O primeiro nível refere-se à atitude existencial global perante a dinâmica histórica e tem, portanto, um conteúdo predominantemente cultural. Neste sentido, são «direita» os movimentos e correntes sociais de tendência conservadora e «esquerda» os movimentos de índole progressista.

O segundo nível refere-se à cristalização de duas posições consideradas antagónicas em termos da organização política, social e económica das sociedades. Nesse sentido, consideram-se de «direita» as concepções ditas liberais da vida social e de «esquerda» as concepções que se orientam para o chamado colectivismo.

Serão ainda válidas estas distinções no nosso tempo? Considero que sim e não. A distinção entre o conservadorismo e o

progressismo, enquanto atitudes globais perante a existência, manter-se-á, inevitavelmente, através dos tempos. A distinção entre o liberalismo e o colectivismo, enquanto cristalização histórica de duas formas de organização social claramente definidas e situadas no tempo, tenderá, julgo eu, a ser progressivamente abandonada.

De facto, tanto as concepções liberais como as concepções colectivistas que vimos propagarem-se nas últimas décadas decorrem de uma visão da sociedade claramente economicista, onde a produção da riqueza — vista em termos da sua acumulação ou em termos da sua distribuição equitativa — tem um lugar predominante. Ao confrontarmos-nos com uma nova etapa histórica em que os limites do crescimento (pela exaustão dos recursos naturais) se tornam cada vez mais evidentes,

as categorias tradicionais, baseadas neste mesmo crescimento, terão necessariamente que ser ultrapassadas.

Estou de acordo em que o poder pertence, de facto, a um «direita» ou a uma «esquerda». Importa é discutir o que caracteriza cada uma dessas posições. Quanto a mim, e para além do blocos político-económico existentes, o que conta fundamentalmente em matéria de poder é a perspectiva cultural de quem o detém. Se o poder é exercido em função da conservação de valores adquiridos e da manutenção do status quo, qualquer que ele seja, sou levida a considerá-lo um poder de «direita»; se é exercido com o dinamismo criador de quem não teme a mudança, porque acredita que o horizonte está no futuro e não no passado, acéio — e por que não? — chamar-lhe um poder de «esquerda».

Por economia de tempo, tentarei responder conjuntamente às três perguntas, que correspondem, aliás, a três etapas de um mesmo raciocínio.

Reconheço nos conceitos de



Helena Vaz da Silva.

«Querer é poder»



esquerda, é hoje um conceito caro a todas as direitas, quer nas suas fórmulas europeístas, quer nas formas transnacionais praticadas pelas multinacionais.

Por um lado, verifica-se que muitos dos valores tradicionalmente defendidos pela esquerda, são hoje admitidos por qualquer direita liberal: o direito de todos ao pão, à casa, à saúde e ao trabalho são universalmente aceites. Por outro lado, a verdade é que as esquerdas chegadas ao poder negam muitos dos valores que antes defendiam.

Acresce que, com a progressiva massificação social, a oposição parece deslocar-se, deixando de ser entre projectos diferentes de sociedade que lutam pelo poder para ser entre o indivíduo e a sociedade que o tritura e o desindividualiza, seja ela de direita ou de esquerda.

Foi esta aparente contradição entre os valores que muitos considerávamos adquiridos e o modo como fomos vendo eles encarnarem na prática que levou um pequeno grupo de pessoas a lançarem um movimento chamado «Raiz e Utopia». Um manifesto publicado no primeiro número da revista — que, depois de alguns acidentes de percurso, já vai no n. 9/10 — traduzia-se essa perplexidade, partilhada por cada vez mais gente para quem ser de esquerda começara por ser uma evidência.

Ao olhar em volta, para o que resta da experiência cubana ou chinesa ou vietnamita — mode-

los intocáveis para sucessivas gerações —, ao ver como «Maio 68» se esvaniu, as pessoas começaram a perguntar-se «será isto a esquerda? serei eu de guarda? não nos teremos enganado de inimigo?»

Note-se que «esquerda» surgiu identificada à contestação do poder instituído. Para todos nós, esquerda era, pois, vontade de mudança. Acontece, porém, que, sempre que ela se tornou poder, tem-se verificado uma alteração do leque de factores defendidos e, sobretudo, praticados. É fácil ir buscar exemplos longe (a URSS, a China, o SPD alemão). Mas por que não buscá-los aqui perto de nós? Basta ver como a prática teórica de um partido se altera, no poder ou fora dele?

É uma análise das estruturas do Poder que urge fazer, para sairmos deste impasse.

Penso que é no modo como se concebe o exercício do Poder que passa a linha divisória.

Diz-se que o Poder corrompe. De facto, assim parece ser, de uma maneira geral, perto e longe de nós. Quando se está no Poder, faz-se apenas o estritamente necessário para de lá não se ser tirado. Dá-se, por exemplo, o necessário aos trabalhadores para eles trabalharem, mas não tanto que leve à alteração do equilíbrio existente. Daí que, se os bens e os serviços básicos são já objecto de uma justiça distributiva mais ou menos real — de acordo, é claro, com os recursos do país e o nível geral de educação da sua popu-

lação — o mesmo não se pode dizer de um bem muito importante, que é o poder de decisão de cada um sobre o modo de organização da sua própria vida e do seu país.

Só uma outra concepção do exercício do Poder levará a alargar a justiça distributiva à liberdade e capacidade de decisão de todos e de cada um.

Nessa outra perspectiva, o Poder exerce-se para servir, não para ser servido. Não precisa de autoridade para se exercer mas sim do máximo de iniciativa de cada um. O Poder coordena, estimula, torna possível. E decreta, ordena, proibe cada vez menos.

É isto de esquerda? de direita?

Será de esquerda na medida em que tem a realização de justiça por objectivo. Será de direita na medida em que apoia a livre iniciativa e proclama o direito à diferença.

Mas a quem interessa as etiquetas, quando há tanto para fazer, na realidade?

Duas notas finais:

1. Estou a falar de uma perspectiva europeia, de país que, embora na franja, pertence à Europa industrializada. Noutros continentes, esta problemática coloca-se muito diferentemente, pelo que é perigoso transpor.

2. Eu sei que se diz que afirmar que não existe direita e esquerda é uma afirmação de direita. Mas não me importo.

«Devemos colocar-nos no eixo esquerda-direita ou traçar uma linha secante a esse eixo?» in «Raiz e Utopia» 5/6

Houve um tempo em que tudo era simples. Direita era igual a «Deus, Pátria e Autoridade» e Esquerda representava «Liberdade, Igualdade e Fraternidade».

Com a alteração dos contextos sociais, tem-se verificado um vai-vem desses conceitos entre a Direita e a Esquerda.

O centralismo, que era de direita, é hoje defendido pela esquerda. O nacionalismo, valor de direita, serve hoje à esquerda mais radical como bandeira para as suas lutas. A esquerda, tradicional arauto da liberdade, é quem menos a pratica quando se institui em regime. O internacionalismo, valor lançado pela